

## ERNESTO DE SOUSA CAMPOS EM CAMPINAS

• Celso Maria de Mello Pupo

Foi aqui em Campinas que há cem anos, aos 21 de setembro de 1882, nasceu Ernesto de Sousa Campos, inteligência e cultura que hoje reverenciamos como figura exponencial, merecedora ainda por elevar o nome da cidade que lhe foi berço e o de nossa Academia que reconheceu seu valor fazendo-o honorário da Academia Campinense de Letras.

Sua vida foi uma fulguração ininterrupta desde o curso primário, estendendo-se pelos graus superiores com duplicidade de títulos que o consagraram na engenharia e na medicina, cursando a Politécnica de São Paulo para ser, em 1906, o engenheiro, o arquiteto de obras no interior do Estado, impondo-se pela perfeição de suas execuções e participando da primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo, doutorando-se em 1919.

Entre os melhores alunos do seu curso, Ernesto de Sousa Campos seguiu a carreira de engenheiro pela escola de engenharia de São Paulo; titulado, labutou no interior do Estado com obras que consolidaram seu renome profissional, procurando, a seguir, aperfeiçoamentos em países da Europa, mais firmando seu conceito de especial dedicação às suas obras.

Casado, com família constituída, atendeu à outra face de suas tendências, matriculando-se na recém-instalada Faculdade de Medicina de São Paulo, em cujo curso manteve o brilho de aluno distinto que mereceu ser o primeiro presidente do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz. Em sua vida prática sempre se distinguiu, tendo sido um profissional assíduo na medicina hospitalar, professor na Faculdade de Medicina de São Paulo e também professor emérito, até a culminância de ser Ministro da Educação e Saúde no governo da República. Foi diplomata como embaixador especial do Brasil na Colômbia, embaixador visitando países vários: Venezuela, Peru, Equador, Chile, Argentina e Uruguai. Distinguiu-se nas instituições culturais como presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, presidente do Pen Club de São Paulo, membro da Academia Paulista de Letras na qual ocupou a cadeira nº 34. Faleceu em São Paulo a 19 de janeiro de 1970.

Empolgante é, a quem conheceu este grande brasileiro, a multiforme intelectualidade de Ernesto de Sousa Campos, o cientista profundo e seguro no apoderar e no imaginar; o gênio artista que se enamorava pelos primores de arte em sua multiplicidade de revelações

geniais; o humanista senhor de uma consciência sólida de sábio de inteligência e de coração, revelada em ação tranqüila, justa e generosa de condutor firme e humano.

Feliz aquele que se aproximou de Ernesto de Sousa Campos e pôde sentir a convivência de um amigo certo, de um intelecto brilhante, ávido de saber e de transmitir o bem e a cultura; de dirigir com justiça e segurança; de dar o que dispunha, com profundo amor aos semelhantes; de realizador impregnado de patriotismo sadio e construtor de um bem-querer generoso à sua pátria e a seu povo, o que executava com personalidade sempre repassada de bondade. Nos louvores que lhe tecem hoje os seus biógrafos, multiplicam-se os qualificativos atribuídos a este notável brasileiro, homem público dos mais dignos e modelar chefe de família como esposo e pai no exercício sublime do pátrio poder e na participação amorosa de sua vida conjugal.

Era o Dr. Ernesto filho do Dr. Antônio de Sousa Campos, também campinense, da família Campos vinda de Portugal no seiscentismo, na pessoa de Filipe de Campos van der Boorg, filho de Francisco van der Boorg, embaixador flamengo, e da lisboeta Antônia de Campos; casou-se Filipe em Parnaíba em 1643, desenvolvendo de tal forma sua descendência, que não se arrisca a erro quem afirmar que seu sangue corre em veias de quase todos os que originam dos primeiros portugueses estabelecidos em São Paulo em dois primeiros séculos da colonização.

Quando presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, visitou Campinas o Dr. Ernesto com objetivo de fundar aqui um instituto histórico, incentivando esta especialidade, desejando aprofundá-la, abrindo possibilidades de composição para uma história una e seqüente pois, então, só tínhamos produção de subsídios para a história ou coleção de fatos históricos desarticulados, sem seqüência paulatina do desenvolver da vida campinense.

Auspicioso foi o número de professores e demais estudiosos da história presentes à reunião presidida pelo Prof. Ernesto no Centro de Ciências, Letras e Artes, atendendo ao convite prévio distribuído e encorajador foi o interesse despertado que ativou o ambiente com bem encaminhado trabalho de fundar o instituto, até que um elemento presente anunciou já existir em Campinas um Instituto Histórico, o que surpreendeu a assembléia. E havia realmente um Instituto Histórico fundado no tempo da ditadura getuliana, com personalidade jurídica instituída e diretoria perpétua, da qual só restava o presidente que se obstinou em continuar retendo a dignidade presidencial, privando até hoje, a Campinas, o órgão especializado que Ernesto de Sousa Campos desejou para nossa cidade.

Isto não deixou Campinas sem a presença de Ernesto de Sousa Campos, aqui em 20 de outubro de 1965 para empossar-se como acadêmico honorário da Academia Campinense de Letras, pronunciando sua conferência sobre “O Tosão de Ouro e a Ordem da Rosa”, na qual mostrava o matemático e engenheiro arquiteto, o cientista e professor de medicina, toda a sua personalidade artística de escrever e falar, nimbada de classicismo e poesia, dizendo:

“A Ordem do Tosão de Ouro (1429) – le Toison d’Or – foi instituída em homenagem a uma infanta de Portugal. Criou-a o duque de Borgonha – Filipe o Bom – para comemorar o seu enlace matrimonial com Isabel – filha de D. João I e Filipa de Lencaster. Similar galanteria ocorreu a D. Pedro I estabelecendo a Ordem da Rosa (1829) para gentilmente assinalar o seu festivo e ambicionado consórcio com Amélia de Leuchtenberg. Aquelas damas eram belas, prestimosas, atraentes e inspiraram a fundação das respectivas ordens de nobreza, em que se conjugaram o amor e o cavalheirismo”.

“D. Amélia chegou ao Brasil vestida com “as cores da inocência e do amor”. Trajava vestido branco “ricamente bordado com grinalda de rosas”. “D. Pedro sorveu a taça de amor que lhe ofereceu aquela que veio cheia de esperanças viver em terra longínqua ainda selvagem e que ela amou tão apaixonadamente”.

“A noiva era romântica. Amava as flores especialmente as rosas. E certamente sentia-se encantada com o imprevisto de uma vida nova a se desenrolar em corte longínqua e país agreste. Sabendo a preferência de Amélia pelas rosas, o soberano, impetuoso e sentimental, imaginou criar uma ordem honorífica. Seria mais nobre que as existentes. E mais bela!”

Rememora, depois, Ernesto de Sousa Campos, dizeres poéticos que eternizam o encanto das rosas:

“Que é Rolinda mais linda  
que a rosa, que o nenúfar,  
mais pura que a açucena  
que a manhã abre a chorar” ( Garret )

“Rosas no céu, rosas nas cercas, rosas  
nos teus ombros e rosas no teu rosto,  
rosas em tudo, e há chagas veludosas  
de rosas cor-de-rosa no sol posto...” ( Maranhão Sobr<sup>o</sup> )

“Pousei o olhar há pouco, em pensamento,  
na flamância de sua nuca voluptuosa.  
E, de súbito, o vento  
me trouxe do jardim um perfume de rosa...” ( Cleômenes ).

“A rosa que te dei há pouco nascida  
era do rouxinol a rosa preferida”

.....  
Toda vez que ela ouvir teu anélito brando  
há de conjecturar que é o rouxinol cantando” ( T. Ary  
Mesquita ).

“Afinal rosa vaidosa  
de que cor é o cor-de-rosa ? ” ( G. de Almeida ).

“As tuas rosas vermelhas  
levei-as ao meu jardim  
nunca vi tantas abelhas  
voando em torno de mim” ( J. Isgorogota ).

“São duas rosas nascidas  
talvez do mesmo arrebol  
vivendo do mesmo galho  
da mesma gota de orvalho  
do mesmo raio de sol” ( Castro Alves ).

Eis o romantismo de Ernesto de Sousa Campos que, então, não tinha vinte anos, a idade do sonho, mas 83 anos de uma velhice verde capaz ainda de se arrebatar pelas figuras das inspiradoras das ordens do Tosão de Ouro e da imperial da Rosa. Desta, a nossa imperatriz Amélia, lembrou que “foi sob o patrocínio sentimental da rosa que Amélia chegou ao Brasil. Nascida entre arminhos e preconceitos das cortes européias a princesa de Leuchtenberg veio consorciar-se com o ambiente da Quinta da Boa Vista que não era dos mais interessantes no sentido social, naquela época. Em pleno viço dos dezessete anos era uma frágil figurinha de Saxe posta ao lado de um homem ardoroso e desabusado. E cumpriu perfeitamente a sua missão de rainha amada e tranqüila. Foi realmente a rosa que se manteve perfeita ante o tufão que assinalou a vida do seu esposo. Afeiçãoou-se aos enteados, principalmente o pequenino D. Pedro que depois governou o Brasil por meio século.”

Pela imprensa de Campinas, dia 27 seguinte, comentamos a conferência de Ernesto de Sousa Campos para registrar que se tratava de sua posse como membro honorário da Academia, o que se fez em reunião-jantar, num salão do Jóquei Clube Campineiro, pela noite de 20 último. O ambiente estava de elegante sobriedade, enriquecido pela graça feminina, requintado de espiritualidade; deu aos nossos acadêmicos o colóquio jovial e afetivo com o acadêmico que se empossava e que, pela cultural, pela inteligência, pelas suas numerosas obras, pelo seu prestígio e pelo seu renome elevou a nossa entidade de letras. Na sua simplicidade de sábio, na sua finura de modos, na sua simpatia empolgante, nas suas letras castiças e no seu dizer cheio de doçura, entrecortado com observações

espirituosas ou frases elegantes de galanteio às senhoras, soube o professor Ernesto dominar de pronto todas as atenções, com especial meneio de sua atração irresistível.

Quis o professor deliciar-nos com uma palestra; e escolheu para seu objeto, gestos cavalheirescos e afetivos de soberanos que souberam ser apaixonados esposos e galantes admiradores, distinguindo aquelas que se tornaram suas esposas.

“O Tosão de Ouro e a Ordem da Rosa” foi o título da palestra; mas o orador não se enfatuiu com preocupações honoríficas ou regras de cavalaria; integrou-se no aspecto humano e sentimental, no significado do amor do esposo pela companheira, embalando sua exposição nas maravilhas da arte e no romantismo dos poetas, na musicalidade das rimas e doces dizeres de sua própria riqueza verbal. Digressou pelo que havia de afeto nestas criações gentis e principescas, buscando em versos de autores vários as lentejoulas brilhantes para sua oração magnífica.”

A palestra do culto acadêmico se ocupou da Ordem da Rosa criada pelo nosso imperador Dom Pedro I por ocasião do seu segundo casamento, em homenagem à nossa imperatriz Dona Amélia, merecedora de nossa admiração e de nossa estima, pela sua beleza, pela sua cultura e pela sua bondade. Um documento que bem caracteriza esta nossa jovem soberana, é a carta lida em parte pelo conferencista, que a imperatriz de apenas dezenove anos de idade, deixou para seu enteado, criança e imperador Dom Pedro II, com expressões como estas: “mas tu, anjo de inocência e formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei ao teu augusto pai; um dever sagrado me obriga a acompanhá-lo no seu exílio, através dos mares às terras estranhas; adeus pois, adeus para sempre !”

Não foi plena de rosas a vida da nossa segunda imperatriz: casada antes de completar dezessete anos de idade, aos dezenove já deixava o seu primeiro lar, em prantos pelo abandono dos enteados, seguindo para os trabalhos e lutas do marido empenhado em restaurar a filha Dona Maria II no trono de Portugal. Completada a vitória e firmada a glória do esposo, tendo apenas cinco anos de casada e vinte e dois anos de idade, ficou viúva, perdendo meses depois, o irmão príncipe consorte de Portugal; permanecendo em Lisboa a criar sua filha única, viu-a fenecer da mesma moléstia do pai e morrer na flor dos seus vinte e um anos na cidade de Funchal. Dona Amélia viveu só, no Palácio das Janelas Verdes, para morrer aos sessenta anos de idade, com rosas no casamento “e espinhos a vida inteira”.

Embalados na louçania de tantos privilégios que deu a natureza ao orador da noite, com seu engenho de dizer história e rendilhar fantasias, poderíamos acertar repetindo ao novo acadêmico, de oitenta e três anos de idade e moço de espírito, um elogio sonoro como homenagem e admiração, com a figura que é a deste esteta filantropo:

“Envelheçamos rindo ! envelheçamos  
como as árvores fortes envelhecem !

Na glória da alegria e da bondade,  
agasalhando os pássaros nos ramos,  
dando sombra e consolo aos que padecem ! ( Bilac ).

Na Academia Campinense de Letras em  
4/10/1982.

\*